

ALTÍSSIMO

Nessa época, muitos ficarão escandalizados, trairão uns aos outros e se odiarão mutuamente. Então, numerosos falsos profetas surgirão e enganarão a muitos. E, por causa da multiplicação da maldade, o amor da maioria das pessoas se esfriará. (MATEUS 24:10-12)

Altíssimo é o primeiro espetáculo da TREMA! Plataforma de Teatro, núcleo desenvolvedor das artes cênicas sediado em Recife/Brasil. Ao longo dos últimos anos, o encenador Pedro Vilela em parceria com o dramaturgo paulista Alexandre dal Farra, vem investigando o comércio sobre a fé em nosso país, a partir da compreensão e estudos de processos de espetacularização nas religiões neopentecostais.

Discute, portanto, a construção doutrinária destas organizações que estão ali para atender a uma cultura predominantemente hedonista onde o “cristo” é materializado nestes locais pelo sacrifício pessoal. Ou seja, o fiel oferece sacrifícios na forma de ofertas em dinheiro, promessas e jejuns. E, em troca, espera a ação sobrenatural sobre a sua vida. Ou melhor, investimento feito, “semente plantada” ele DETERMINA a sua própria vitória (em Cristo?), investindo também no radicalismo doutrinário, combatendo lutas e avanços democráticos de nosso país.

O espetáculo foi desenvolvido ao longo de dois anos entre leitura bibliográfica sobre o assunto, visitas a templos de igrejas em diferentes partes do país e encontros presenciais em Recife e São Paulo, entre Vilela e Dal Farra.

O trabalho marca o retorno aos palcos de Pedro Vilela que durante mais de dez anos esteve à frente como Gestor e Diretor Artístico do Grupo Magiluth, um dos principais coletivos teatrais do Brasil. ALTÍSSIMO coloca em cena os bastidores da criação espetacular, resgatando a percepção do espetáculo e do texto como construção intencional. Ao apagar as fronteiras entre público e plateia, lembra constantemente o espectador que ele está no teatro, interpondo narradores entre a ação representada e aquele que a assiste, pervertendo a configuração tradicional de categorias dramáticas como tempo, espaço, ação e diálogo.



ALTÍ\$\$IMO

EQUIPE DE CRIAÇÃO

PEDRO VILELA

Formado em Educação Artística pela Universidade Federal de Pernambuco (2006), atualmente é Mestrando em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Com o Grupo Magiluth, dirigiu os espetáculos *O Canto de Gregório*, *Aquilo que meu olhar guardou para você*, *Luiz Lua Gonzaga* e *Viúva, porém honesta*, com o qual recebeu da APACEPE, os prêmios de melhor espetáculo e direção. Em 2012 foi escolhido entre 13 latino-americanos para integrar o WEYA – World Event Young Artist, encontro mundial de jovens criadores em Londres, e no ano seguinte foi apontado pela revista especializada em teatro, *Antro Positivo*, como um dos principais diretores do país (ed. Setembro 2013). É curador do TREMA! Festival, além de ensaísta e crítico colaborador da Revista *Continente*. Tem palestrado em importantes eventos do país sobre métodos de criação e gestão no teatro, tal como no Seminário Palco Giratório (São Luís-MA) e Festival Santiago a mil (Chile).



ALEXANDRE DAL FARRA

Doutorando pelo PPGAC da ECA/USP, Alexandre é mestre pelo DLM - FFLCH, USP. Vencedor do prêmio Shell de melhor autor em 2012, pela peça "Mateus, 10", é escritor, dramaturgo e diretor. Por suas peças, foi indicado diversas vezes para todos os prêmios importantes do país, tais quais, prêmio APCA, Aplauso Brasil, Prêmio Governador do Estado de São Paulo, Shell e Questão de Crítica. Recentemente, escreveu as seguintes peças: Trilogia Abnegação (para o Tablado de Arruar); Teorema XXI (para o grupo XIX, em 2015); O Filho (para o Teatro da Vertigem, em 2016); BRUTO (em 2015, a convite do SESI-SP). Lançou em 2013 o seu primeiro romance, "Manual da Destruição" (Hedra). Em 2011 participou, como convidado, do Theatertreffen, o mais importante festival de teatro em língua alemã. Tem mais de 15 peças teatrais encenadas por diversos diretores brasileiros e internacionais, tendo sido o primeiro brasileiro a ser traduzido e publicado pela renomada editora francesa *Les Solitaires Intempestifs*.



FICHA TÉCNICA

Encenação e atuação | Pedro Vilela

Dramaturgia | Alexandre Dal Farra

Assistente de encenação | Thiago Liberdade

Consultoria de encenação | Marcondes Lima

Cenografia, desenho de luz e som | Pedro Vilela

Design gráfico | Thiago Liberdade

Produção | Mariana Rusu

Realização | trema! plataforma de teatro

CRÍTICAS

“Não sejamos ingênuos. É certo que a laicidade do Estado brasileiro só existe no texto constitucional. Na prática, as religiões cristãs estão sempre presentes nos centros de poder e de decisão política. A começar pela inscrição “sob a proteção de Deus”, no preâmbulo da Carta Magna, a Lei maior do país. Para não falar do “Deus seja louvado” inscrito nas cédulas de Real e dos crucifixos, das divindades e de Bíblias em órgãos públicos, assembleias legislativas, câmaras municipais, fóruns, tribunais. O Supremo Tribunal Federal (STF), a mais alta instância do poder judiciário no Brasil, por exemplo, exhibe em seu plenário um crucifixo um pouco acima do brasão da República.

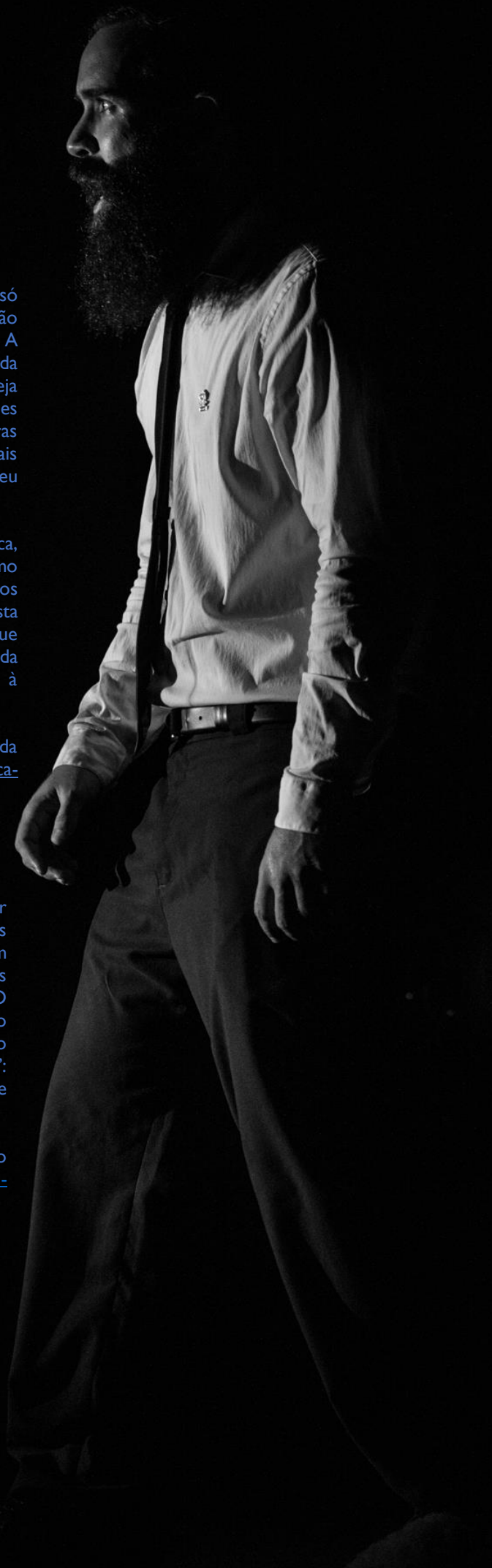
Diante desse contexto que faz parte da nossa atual conjuntura política, caótica, conservadora e reacionária, com traços de um fascismo emergente, Pedro Vilela, da TREMA! Plataforma de Teatro, nos oferece o solo *ALTÍSSIMO*, por ele dirigido e com texto do paulista Alexandre Dal Farra. O discurso cênico, ao mesmo tempo em que propõe um mergulho nos meandros do uso mercantilista e político da fé, pode ser lido como uma tomada de posição, de resistência à cristocracia que está se instaurando no país.”

(Elton Bruno Siqueira - Doutor em Letras (UFPE) e Professor da Licenciatura em Teatro (UFPE) / em <http://4parede.com/critica-altiimo-um-ato-de-resistencia-estetica-e-politica/>)

+

“Em um texto chamado *Capitalismo como religião*, o filósofo Walter Benjamin considera que o capitalismo ocupou o lugar da religião, mas com uma cruel diferença: o culto, na religião do capitalismo, não tem nem sonho nem piedade. Nessa religião, a transcendência de Deus decai, mas ele não está morto. Giorgio Agamben completa: “O capitalismo é uma religião que tem como objeto o dinheiro, e como liturgia, o trabalho”. Na última cena do espetáculo, o ator Pedro Vilela tenta acabar com o que chama de “resíduo último de Deus”: o dinheiro. Essa é a grande blasfêmia do espetáculo, passível até de ser considerado um crime.”

(DURVAL CRISTÓVÃO, diretor e ator teatral, professor de Teatro e Filosofia.— em www.revistacontinente.com.br/secoes/resenha/tem-sabor-de-fel)



ALTÍ\$\$IMO

NECESSIDADES TÉCNICAS

Espaço: 8m x 6m. Frontal. Piso com Linóleo.

Espectáculo intimista, para teatros de pequeno ou médio porte. Público máximo de 200 pessoas por sessão.

Iluminação: 13 PC'S | 20 PARES # 5 | 06 Elipsoidais | 05 Peam-Beam's | 02 Set-light's | 01 Máquina de Fumaça (potência mínima de 1500W) | 02 Torres | Console de Luz de 24 canais digital (Indicado ETC Smart Fade)

Som: Mesa de Som (Mínimo de 06 canais), P.A. compatível com espaço, 02 caixas de retorno e Medusa para ligara microfones de cena.

* GRUPO LEVA OS MICROFONES E CABOS.

Vídeo: 01 Projetor (mínimo de 3200 lumens), Suporte para prender projetor na vara de cenário e Cabo VGA necessário para operação de projetor na cabine.

Tempo de montagem: 10 h

Tempo de desmontagem: 2h

TRASLADO

Viajam 03 pessoas (ator + técnico + produtor)

O grupo despacha uma mala de 20kg com material de cena.

ROOM-LIST

01 Quarto Single

01 Quarto Duplo (cama casal)

ALIMENTAÇÃO

Diárias de R\$ 60 (per diem por pessoa) ou Restaurantes conveniados pelo festival.



ALTÍ\$\$IMO

MATERIAIS A SEREM PROVIDENCIADOS PELA PRODUÇÃO DO EVENTO

01 Cadeira de Madeira (modelo abaixo)



01 Placa de Madeira Clara (MDF ou Compensado)

1,40m x 0,90m x 0,8mm / 03 furos

*madeira utilizada para projeção.



10 kg de Sal Grosso para Churrasco

*as pedras de sal devem ser grandes



48 Garrafas plásticas de água

12 de 1,5lt e 36 de 500 ml

*atenção: a marca da de 1,5lt e de 500ml devem ser iguais, com mesmo formato



01 cordeiro morto

sem cabeça e sem parte interna

** peso indicado de 10kg



01 garrafa de vinho por sessão + 01 taça



ALTÍSSIMO

CLIPPING

Jornal do Commercio

Cultura • Social 1 • Esportes

Recife, 13 de outubro de 2017
sexta-feira



Diego Souza joga bem e Sport vence Vitória, 2x1



Santa Cruz consciente da necessidade da vitória

Esportes 10

Esportes 11

ESTREIA Pedro Vilela apresenta amanhã, no Teatro Arraial, *Altíssimo*, solo que investiga questões da religiosidade no Brasil contemporâneo

MÁRCIO BASTOS
marciobastos@gmail.com

Após chegarem ao Brasil, em 1500, os portugueses, além de perceberem as riquezas naturais aparentemente inesgotáveis, visualizaram outra possibilidade de lucro/dominação: a doutrinação religiosa. Com a Reforma Protestante de Martinho Lutero, delagada em 1517, a igreja católica perdeu milhares de fiéis e, assim, perdeu no Novo Mundo a possibilidade de angariar novos seguidores. Desde então, a religiosidade tornou-se parte quase indissociável do DNA do país – e um campo de batalha nos sentidos literais e figurados. Em seu novo trabalho, *Altíssimo*, Pedro Vilela tenta analisar parte da questão a partir da influência das igrejas neopentecostais na contemporaneidade, nos âmbitos público e privado, político e social. O solo estreia amanhã, às 19h, no Teatro Arraial.

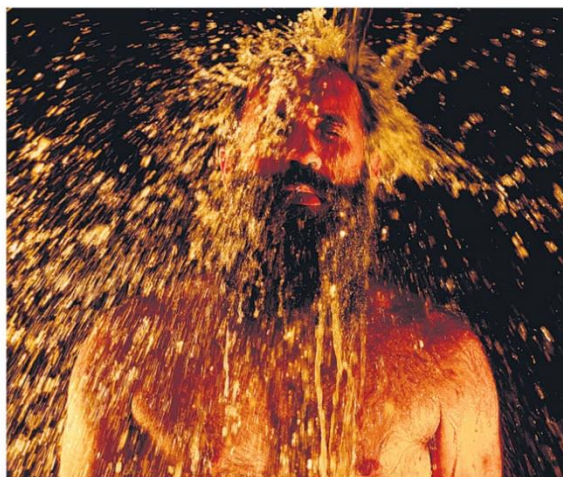
A relação de Vilela com a religião remonta à sua infância. Quando pequeno, morava na Dantas Barreto, no centro do Recife, ao lado de uma igreja. Era no espaço religioso onde passava parte do seu dia, aprendendo os dogmas do catolicismo, tornando-se uma espécie de cotininha. Na adolescência, se afastou da igreja, convertendo-se posteriormente ao protestantismo.

A nova doutrina, no entanto, não foi aceita sem questionamentos. Se observava aspectos positivos na crença no divino, também incomodava-se com as práticas perpetuadas pelas instituições religiosas, como a monetização da fé. Foi daí que nasceu o desejo de montar um espetáculo que abordasse a questão sem simplismo. Com o recrudescimento da intolerância no Brasil e a religião sendo usada como justificativa para ataques às liberdades individuais, aos direitos humanos e à arte, o assunto se mostrou ainda mais urgente e atual.

“Essa minha relação com a fé vem acompanhada de muita inquietude. Penso que a religião pode estabelecer uma relação muito bonita, mas que é desestruturada por esses agentes [a institucionalização da fé]. O cristianismo tem a Bíblia como livro guia, mas que, na prática, não segue os ensinamentos dele. Aí me pergunto o que faz as pessoas permanecerem nessa estrutura? O espetáculo cruza isso”, explica.

Os trabalhos em torno da montagem começaram ano passado, quando o pernambucano convidou Alexandre Dal Farra para assinar a dramaturgia. O paulista já havia se debruçado sobre a temática em *Mateus*, ro, que lhe rendeu o Prêmio Shell de Melhor Autor em 2012. Desde dezembro do ano passado, Pedro Vilela e Dal Farra passaram a trocar ideias, visitaram juntos igrejas no Recife e foram costurando o espetáculo. Inicialmente intitulado *Fogo no Altar*, o trabalho foi desenvolvido lentamente, em parte pela questão geográfica – Pedro do Recife e Dal Farra de São Paulo –, assim como pelas atividades paralelas da dupla. Esses hiatos, porém, acabaram revelando novas possibilidades para a investigação proposta pelo pernambucano.

“Passar um tempo sem mexer no material para depois voltar a ele e me encontrar com Pedro foi importante. Nesse trabalho, me interessa não só fazer uma crítica direta, porque considero uma coisa muito óbvia. As pessoas já



Mergulho no abismo escuro



SOLO Vindo de uma estrutura de grupo, Pedro Vilela explora outros territórios em seu novo espetáculo

Parceria de Vilela e Dal Farra buscou tratar do assunto sem preconceito, abrindo espaço para discussão

criticam de forma unilateral as igrejas neopentecostais”, explica Alexandre Dal Farra. “Me interessou também pensar sobre o nosso próprio ceticismo cínico. Nós que supostamente não acreditamos em nada – os que não se deixam enganar por esses canais da igreja evangélica bíb, bíb, bíb –, temos nossas crenças. Estamos no ápice do neoliberalismo, pautados pelo dinheiro. As palavras fé e crédito têm a mesma raiz em grego, então, me parece que nossa capacidade de pensar e apre-

ter se estrutura em narrativas que nos ajudam a construir a nossa trajetória pessoal. Perdemos a capacidade de ver o mundo como algo que pode ser diferente, melhor. A utopia coletiva desaparece e dá lugar a uma utopia meio privada”.

ALTAR EM CHAMAS

No espetáculo, Pedro Vilela atravessa três processos em frente à plateia. Em um primeiro momento, ele se apre-

senta como um pastor em momento de reflexão e autocrise. Olhando para sua audiência, ele diseca estratégias de persuasão, aponta os caminhos que garantem a plena realização de um culto.

Na segunda camada do solo, o artista expõe o que ele chama de “entre-lugar”, aquele próprio ao processo de pesquisa e criação do espetáculo. “É a parte em que criamos esse papel baseado nos lugares que visitamos, as coisas que vimos. É o reflexo da nossa tentativa de entender tudo isso”, reforça Pedro.

Na parte final, o ator divide com a plateia suas experiências e anseios, revelando as camadas biográficas presentes na dramaturgia. Para ele, esse momento de confissão estabelece uma ponte importante na fruição do solo, pois expõe a complexidade do tema. Para o ator e diretor, o espetáculo tem uma forte simbologia não só por tocar em questões pessoais, mas também por marcar seu retorno aos palcos.

Integrante do grupo Magalhães por sete anos, ele deixou o coletivo em 2015 e desde então se dedicou à produção – está à frente da Trema! Plataforma, que produz um festival e edita revista de artes cênicas.

“Fizeli dois anos sem fazer nada em termos de criação, caticizando fendas. Sempre fui um grande defensor do teatro de grupo e de repente me vi sozinho em uma sala tentando construir um espetáculo. Então, tem sido um processo doloroso e prazeroso, tem desconstruído certas verdades. É um lugar sem muita clareza para mim, que só vai ser concretizado com o encontro com o público. Visualizo esse momento como um mergulho no abismo escuro”, fala Vilela.

LUGARES INCÔMODOS

Altíssimo insere-se em um projeto artístico de Alexandre Dal Farra que busca investigar questões que permeiam a sociedade brasileira, principalmente aquelas incômodas, para as quais preferimos não olhar. Essa inquietação, que não poupa o próprio autor nem a plateia, está presente em obras como a *Trilogia Abnegação*, sobre a subida ao poder e a queda da esquerda no Brasil, e *Branco*, sobre o racismo institucionalizado.

“Me interessa muito olhar para as estruturas sociais naquilo que elas estão presentes em nós. Tenho convicção de que é impossível nascer, ser criado e viver em um país tão desigual, racista, machista, religioso e retrógrado como o Brasil e não ter dentro de você essa estrutura. Ela te forma, por mais que você tente ser legal. Não adianta você achar que é limpinho, que não tem nada disso vai dizer que os outros são heróicos, dizer que os pastores neopentecostais são canais e os políticos ruins, fazendo esse denuncismo sem perceber que isso também está em você. Isso me interessa muito, entender em mim, onde eu sou gressa, onde isso me forma e usar a cena para que haja espaço para que isso saia e que possa se olhar para essa questão”, enfatiza Dal Farra.

Altíssimo, de Pedro Vilela - sábados e domingos, às 19h, até dia 22, no Teatro Arraial (rua da Aurora, 457, Boa Vista). Ingressos: R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia). Classificação: 16 anos. Informações: 3184-3057

ALTÍSSIMO

14 **Diversão&arte**

QUINTA-FEIRA, 9 de novembro de 2017

Folha de Pernambuco

"Altíssimo", monólogo estrelado pelo ator pernambucano Pedro Vilela, abre a Mostra Capiba de Artes, no Sesc Casa Amarela

DANIEL MEDEIROS

A 10ª edição da Mostra Capiba de Artes, realizada no Teatro Capiba (Sesc Casa Amarela), inicia hoje sua programação de espetáculos, com sessão às 20h. A abertura fica por conta de "Altíssimo", monólogo estrelado pelo ator pernambucano Pedro Vilela, com dramaturgia do paulista Alexandre dal Farra. Na peça, que estreou em outubro, o artista investiga a comercialização da fé no Brasil, a partir de uma análise das igrejas neopentecostais.

"A relação com a fé me atravessa demais. Durante a infância, fui muito ligado ao catolicismo. Mais tarde, já na fase adulta, me aproximei do protestantismo. Mas algumas coisas sobre a institucionalização da fé sempre me incomodaram", afirma o ator, que também dirige o solo. Para além de uma reflexão pessoal, a proposta de tocar na temática parte também da vontade de pensar sobre o presente. "Estamos vivendo um momento muito delicado no nosso País. A todo o momento, a religião é usada como justificativa para a intolerância.



A relação com a fé

Acredito que não dá para trabalhar com arte sem levar em conta essas urgências", defende.

Entre encontros presenciais em São Paulo e no Recife, visitas a igrejas e pesquisa bibliográfica, o processo de construção do espetáculo durou dois anos. É a primeira vez que Pedro Vilela sobe aos palcos desde a saída do Grupo Magiluth, companhia que ele integrou ao longo de dez anos, em 2015.

"O retorno foi um pouco doloroso, no início. Estava acostumado a criar de forma coletiva e, de

repente, me vi praticamente sozinho numa sala de ensaio. Ao mesmo tempo, é prazeroso enfrentar o desconhecido", confessa. Em seu próximo projeto, no entanto, o artista não quer mais abraçar a solidão. "Estou negociando a adaptação de um texto da dramaturga peruana Patricia Romero. Esse é um trabalho que eu quero só dirigir, acompanhado de muitos atores", revela.

Outras atrações

A programação da Mostra Ca-

piba segue até o dia 18 de novembro. Amanhã, às 20h, será encenado o monólogo "Meu nome é Enéas: o último pronunciamento", do ator Márcio Feccher. Nos dias seguintes, as apresentações ocorrem no mesmo horário. As peças "Saudosiar... A noite insone de um palhaço", "MEDEAponto", "Na beira" e "Eu no controle" completam a programação teatral. Já no dia 14, a partir das 15h, solos de dança e circo ocupam a área externa do Sesc Casa Amarela.

Com dramaturgia do paulista Alexandre dal Farra, peça investiga a comercialização da religião no Brasil

Serviço >

Espectáculo "Altíssimo", na 10ª Mostra Capiba de Artes
Quando: Hoje, às 20h
Onde: Teatro Capiba (Sesc Casa Amarela) - Avenida Norte, 4490 (Mangabera)
Quanto: R\$ 20 e R\$ 10 (meia-entrada)
Informações: (81) 3267-4400

10 **Jornal do Commercio**



Recife, 16 de outubro de 2017 segunda-feira

Cultura

SOLOS

Teatro com gosto pelo insólito

MÁRCIO BASTOS

marciobastos@jcc.com.br

Dialogar, em tempos de intolerância, parece cada vez mais difícil. Em meio à artilharia verbal lançada pela direita e pela esquerda, poucos se dão ao trabalho de ouvir o contraditório. A arte, que tem entre suas características intrínsecas a capacidade de abrir espaço para conversas necessárias sobre a sociedade contemporânea, parece particularmente afetada por essa tendência, voltando a ser alvo de patrulhamento como se apenas um discurso fosse possível. Por isso é instigante e também positivamente desconfortável quando surgem obras como *Altíssimo*, que estreou sábado, no Teatro Arraial, cujo interesse é questionar certezas e não reafirmar teorias.

Obra que marca o retorno de Pedro Vilela aos palcos após a saída do grupo Magiluth, em 2015, o espetáculo parte de uma análise das igrejas pentecostais para falar de um assunto mais complexo, que é a própria fé. De início, Pedro, no papel de um pastor, explica à plateia o que deveria ocorrer caso aquilo fosse um culto. O passo a passo dissecar com frieza o que, para quem faz parte de uma religião, de um culto, de um fã, enfim, para quem acredita, é quase uma segunda natureza. Pedro e Alexandre Dal Farra, responsável pela dramaturgia, querem lembrar que quase tudo nas nossas relações sociais é fruto de uma construção.

Essa impressão fica mais clara nos momentos em que Pedro se direciona à plateia, em um momento confessional sobre suas próprias experiências com religião e fé. Ela lembra um episódio no qual, com amigos e família nua, sem dinheiro ou perspectiva, encontra uma nota de cinquenta reais no bolso e, por um motivo que não sabe, a dobra cuidadosamente, como se desejando que ela



INQUIETO Pedro Vilela faz do palco lugar de questionar verdades consagradas

transformasse sua realidade. Ele teve fé naquela nota. O que é a fé? Qual a nossa religião? Enquanto divaga, ele vai sendo apagado de fotos nas quais aparece criança, ao lado da família, em seu casamento e com os ex-companheiros de grupo.

Uma angústia profunda atravessa o espetáculo, não só do âmbito religioso, mas também do próprio teatro. Vindo de uma estrutura coletiva, o ator e diretor tem que se redescobrir sozinho no palco e esse processo doloroso fica (positivamente) impresso no trabalho, em vários elementos, como a atmosfera sombria da iluminação. Vilela não tem medo de se mostrar vulnerável e a entrega no palco é total.

As imagens construídas por Pedro, como o cadáver de um animal que lembra um cordeiro, símbolo bíblico de pureza e entrega, ou a cena em que queima o di-



LUTA Em *Solo de Guerra*, Cleyton Cabral promove catarse pessoal e coletiva

nheiro (a fé), ampliam a força da dramaturgia. O trabalho não oferece uma solução, uma lição de moral e, principalmente, não entrega a expiação que nós, como plateia, tantas vezes queremos. Ainda bem.

A peça ganha mais duas apresentações, sábado e domingo, às 19h, no Arraial.

TRINCHEIRA

Os discursos sociais e a legitimação de violências a partir deles também dão o tom de *Solo de Guerra*, trabalho que Cleyton Cabral apresentou pela primeira vez sábado, no Espaço Poste. O ator e dramaturgo investiga como os meandros da homofobia e seus efeitos nos âmbitos privado e público.

Mesclando ficção e biodrama, ele constrói uma narrativa delicada e ao mesmo tempo forte, tendo como ponto de partida as memórias de um homem. Gay, ele é confrontado com expectativas heteronormativas durante toda a vida.

A direção de Luciana Pontual é segura e utiliza bem elementos singelos, como brinquedos e balões, para ampliar a força do texto. A atuação de Cleyton equilibra bem momentos de tensão emocional e alívio cômico.

Costurando a dramaturgia com histórias pessoais, assim como dados relativos à homofobia no Brasil, país que mais mata LGBTs no mundo, ele faz do solo um momento de catarse individual e coletiva. Ele não esquece, também, de analisar a própria comunidade, que por vezes reproduz padrões de opressão contra seus membros.

Solo de Guerra fala de batalhas diárias, celebra a diversidade das vidas em risco nessa batalha e homenageia aqueles que não puderam concretizar suas vivências por conta da intolerância. É sobre lutar e resistir, com força e pinta. A obra cumpre curta temporada dias 6 e 11 de novembro, no Poste.